

Mulheres falam e ganham menos:

Composição por sexo das equipes e protagonistas dos filmes brasileiros

Introdução

O cinema há muito tempo vem sendo considerado como objeto de estudo pelas Ciências Sociais, pela História, Psicanálise, Filosofia e outros campos do conhecimento, porém, sobre a possibilidade de relação do Cinema com a Demografia existem poucos trabalhos.

A observação das relações existentes entre a composição das equipes, as representações dos grupos sociais nas telas, as temáticas abordadas nos permitem apresentar um panorama não só sobre a produção cinematográfica, mas sobre quem a realiza e suas características sociais e culturais.

Podemos descrever três formas como as equipes – a população que filma – se relaciona com as personagens – que Serge Daney (1997) chamou de população filmada: 1) a população que filma se parecer com a população filmada, quando os cineastas se voltam para os grupos sociais aos quais pertencem; 2) a população que filma reinterpretar a população filmada a partir de suas perspectivas, valores e preconceitos; e 3) as ausências, quando determinadas populações ficam de fora tanto da população que filma, quanto das narrativas cinematográficas. A questão é se essas duas populações se parecem com a população real, e se esta se sente ou não representada pelos filmes. Quando os cineastas passam a filmar seus semelhantes, é de se imaginar que a população filmada se assemelhe à população que filma. Além disso, os filmes podem privilegiar as perspectivas do grupo social do qual pertence o diretor, no caso do cineasta filmar “o outro”, outros grupos sociais.

O cinema foi criado e estruturado no contexto de uma sociedade androcêntrica, conseqüentemente, a representação da mulher e a construção das personagens femininas foram elaboradas a partir da perspectiva masculina, tendo como público-alvo o olhar masculino do outro lado da tela também. Desse modo a representação da mulher no cinema, assim como em outros espaços de expressão, ocorreu, majoritariamente, a partir de valores e arcabouços masculinos (ALVES; COELHO, 2015).

Segundo Buet (1999), nas primeiras décadas do cinema, a presença de mulheres na direção cinematográfica era rara. O número de diretoras

começa a crescer significativamente na Europa e nos EUA nos anos 1960 e 1970, com um cinema influenciado pelos movimentos sociais e feministas. No Brasil, a partir dos anos 1970, as diretoras surgem no cenário audiovisual com filmes marcados por temáticas e protagonistas femininas.

O objetivo deste artigo é apresentar a composição por sexo das principais funções que compõem as equipes dos filmes brasileiros de longa-metragem lançados entre 1994 e 2016, as relações entre elas, a distribuição de orçamentos e rendas de bilheteria por sexo dos diretores dos filmes, e refletir sobre a participação da mulher no cinema.

Materiais e Métodos

Está em elaboração uma base de dados com mais de 2.600 filmes brasileiros de longa-metragem produzidos entre 1994 e 2016 contendo variáveis como: sexo de diretores, protagonistas, produtores executivos, diretores de produção, roteiristas, diretores de fotografia e operadores de câmera, montadores/editores, diretores de arte, e outras funções-chave, principais temáticas abordadas, se aborda temáticas demográficas, ano de produção e lançamento, valores captados, público do circuito comercial, renda de bilheteria em salas comerciais, sinopse e outras características dos filmes.

As principais fontes de dados são: a ANCINE – Agência Nacional do Cinema, o portal sobre o mercado exibidor brasileiro Filme B, o *Dicionário de Filmes Brasileiros - Longa Metragem*, de Antônio Leão da Silva Neto (2009); e o *Dicionário de Cinema Brasileiro*, de Mauro Baladi (2013). Outras fontes também foram consultadas como catálogos e sites de festivais de cinema, sites das empresas produtoras e distribuidoras, trailers e os próprios filmes.

Para este trabalho serão analisados resultados referentes às variáveis: sexo de diretores, protagonistas, produtores (somados os produtores, produtores executivos e diretores de produção), roteiristas, diretores de fotografia e operadores de câmera, montadores/editores, ano de lançamento, valores captados e renda de bilheteria.

Resultados

Até esse momento a base de dados contém 2.642 filmes, de 1994 a 2016. Desse total, 2.076 ou 78,6% foram dirigidos exclusivamente por homens,

399 ou 15,1% dirigidos por mulheres, e 167 ou 6,3% codirigidos por homens e mulheres. As posições de roteiro e direção são muito próximas no cinema independente (fora dos grandes estúdios estadunidenses), então, é de se esperar uma participação de homens e mulheres semelhantes nessas funções. A presença feminina calculada no roteiro foi de 12,4%.

A produção é considerada uma “função feminina no cinema”, mesmo assim, somadas as funções produção, produção executiva e direção de produção, as mulheres representaram 16,7% no total do período. Outra posição reconhecida comumente pela presença feminina alta é a montagem, na qual encontramos mulheres em 21,0% dos filmes. Ou seja, assim como a produção, esta “função feminina” também é dominada por homens. A função na qual as mulheres têm menor representação é a fotografia (incluindo direção de fotografia e operação de câmera) onde representam 3,1%. E nas telas, os homens protagonizaram 59,8% dos filmes, homens e mulheres juntos 23,7%, e mulheres protagonizaram sozinhas 16,5% dos longas-metragens analisados¹.

A/o protagonista é o elemento central de um filme, com o qual as demais personagens se relacionam, a partir de quem acompanhamos a história contada, a personagem que tem mais tempo de tela, e mais falas, e os atores/atrizes que os interpretam recebem os maiores cachês. É essencial pensar no sexo da/o protagonista no tocante à identificação dos espectadores com o filme, e como aspecto da sensação de pertencimento ao mundo. A baixa presença de mulheres no protagonismo dos filmes é reflexo dos obstáculos a sua participação no protagonismo político e social, e por outro lado, reforça essa condição.

Analisamos as porcentagens de mulheres e homens, respectivamente, nas funções selecionadas nos filmes dirigidos por homens, mulheres, ambos (codirigidos por homens e mulheres), pelo menos uma mulher (mulheres + ambos) e pelo menos um homem (homens + ambos). Foi encontrada associação entre o sexo dos indivíduos nessas posições com o sexo dos diretores. As mulheres estão mais presentes como roteiristas, montadoras, fotógrafas, produtoras e protagonistas nos filmes dirigidos por mulheres ou com pelo menos uma mulher na direção. E ao contrário, a participação dos homens

¹ No artigo completo apresentaremos tabelas com os dados organizados trienalmente para melhor avaliarmos a evolução da distribuição por sexo das funções chave nos filmes.

é maior nessas funções nos filmes dirigidos por homens ou com pelo menos um homem na direção.

Também realizamos análises dos recursos que foram captados para a produção dos filmes e das rendas de bilheteria atingidas por sexo dos diretores – que serão apresentadas no artigo completo. Encontramos praticamente todos os valores de médias, medianas e máximos tanto dos recursos captados quanto das rendas de bilheteria maiores para os filmes dirigidos por homens do que para os filmes dirigidos por mulheres, em cada ano. Vale lembrar que as rendas de bilheteria são diretamente proporcionais ao público atingido pelo filme no circuito comercial de exibição. Isso significa que os filmes dirigidos por homens foram mais vistos do que os filmes dirigidos por mulheres.

Considerações finais

Os resultados encontrados apontam para uma distribuição desigual na produção audiovisual brasileira contemporânea em termos de gênero. As mulheres estão menos representadas na direção dos filmes considerados, em outras funções-chave, captam menos recursos para a produção de seus filmes, conquistam menores públicos e menores rendas de bilheteria. Além disso, estão menos presentes no protagonismo, o que significa que têm menos falas e tempo de tela, ou seja, voz e visibilidade.

Estes resultados também comprovam a viabilidade e relevância da proposta de uma demografia do cinema – uma análise da composição e de aspectos socioeconômicos nos *sets* e nas telas, das equipes e personagens, da distribuição geográfica da produção audiovisual, de recursos públicos para seu fomento, e outras variáveis. Os resultados obtidos indicam ser fundamental levantar uma discussão urgente sobre as desigualdades de gênero no cinema brasileiro, e indicam possibilidades de utilização do cinema para uma análise da sociedade que o produz.

Se os dados apresentados indicam uma distribuição de papéis desigual entre os sexos na produção audiovisual, supomos que este fato seja uma reprodução das desigualdades de papéis desempenhados na sociedade.

Nota: Por conta do limite de palavras, as referências serão apresentadas no artigo completo.